



## A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NOS JORNAIS

### A reconstituição temática de *Chapeuzinho Vermelho* na cobertura dos crimes do "Maníaco do Parque"\*

Andréa de Souza Túbero SILVA\*\*

O presente texto é parte de minha tese de doutorado, na qual me proponho a investigar o discurso da mídia impressa sobre a violência sexual mediante as matérias jornalísticas publicadas pelos periódicos *Folha de S. Paulo* e *Notícias Populares* em 1998<sup>1</sup>. Partindo do pressuposto de que a mídia suplementa e, ao mesmo tempo, reconstitui as temáticas da tradição oral, foram analisadas duas manifestações discursivas, sob a perspectiva histórica: o conto *Chapeuzinho Vermelho* – que deriva das tradições orais – e as notícias produzidas pelos jornais *Folha de S. Paulo* e *Notícias Populares* a respeito dos crimes sexuais conjugados ocorridos no parque do Estado, durante o ano de 1998. Respeitando as diferenças entre essas duas manifestações discursivas e enfatizando sua ligação – a narratividade, foi desenvolvida uma análise intertextual a respeito da construção das imagens das vítimas e do agressor nas versões do conto *Chapeuzinho Vermelho*, bem como nas notícias produzidas pela mídia impressa<sup>2</sup>.

O objetivo do referido trabalho de pesquisa foi de evidenciar um processo de longa duração, estabelecendo as ligações entre as nossas percepções, concepções e sensibilidade a respeito da violência sexual contra mulheres no passado e no presente, revelando que a mão supostamente morta do passado ainda modela nossa compreensão a respeito da violência

---

\*\* Doutora em Sociologia pela Faculdade de Ciências e Letras UNESP/Car. Coordenadora dos Trabalhos de Conclusão do Curso de Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo, do Centro Universitário de Araraquara - UNIARA -, Rua Voluntários da Pátria, 1309, CEP 14801-320, Araraquara, São Paulo, Brasil.

<sup>1</sup> Em 1998, o “Grupo Folhas” - Empresa Folha da Manhã - editava a *Folha de S. Paulo*, destinando-a às classes A e B, cuja tiragem era então de 610.000 exemplares, e o *Notícias Populares*, destinado às classes C, D e E com a tiragem de cem mil exemplares ao dia, pois tratava-se de um “jornal de banca”. O Grupo substituiu o *Notícias Populares* pelo jornal *AGORA São Paulo* em 1999, que diferentemente do NP está disponível on-line.

<sup>2 2</sup> A análise buscou articular a Sociologia à análise do discurso, utilizando como referencial teórico-metodológico o esquema gráfico do modelo de análise elaborado por Carmo (1996), valendo-se da contribuição de vários teóricos, particularmente a de Patrick Charaudeau.



contra mulheres, incluindo-se a violência sexual, ainda que consideremos os avanços nas relações entre os gêneros<sup>3</sup>.

Nesse sentido, o conto, assim como as notícias sobre a violência sexual nos jornais selecionados, revela-se como uma expressão da realidade social, da organização social do gênero que, em cada uma das configurações históricas, *permite* a violência contra as mulheres. Ele se adequa à realidade social. O conto bem como as notícias são produtos da realidade social dos agentes, reproduzindo a violência contra as mulheres ainda inscrita (simbolicamente) nas normas sociais.

Em virtude dos limites de espaço que o presente texto exige, foi selecionada apenas uma matéria de cada periódico e, em cada uma delas, focalizado apenas um de seus segmentos, definido como *corpus* de análise. De maneira geral, as matérias compõem duas imagens inter-relacionadas, porém distintas e antagônicas: a do criminoso/maníaco e a da vítima/mulher. Entretanto, a forma como os periódicos *Folha de S. Paulo* e *Notícias Populares* abordaram o “caso”, e construíram as imagens das vítimas e do criminoso se diferenciam. Procuramos então identificar/discutir essas imagens, enquanto representações de gênero que revelam em relação à imagem da vítima, um prolongamento mal confessado da desconfiança, ou suspeita, que recai sobre as mulheres que sofrem violência. Quanto à imagem do agressor, há uma espécie de deslocamento na abordagem, ligado às transformações ocorridas nas relações entre os gêneros, em que a doença mental de Pereira torna-se a justificativa para sua sexualidade violenta e aniquiladora.

A notícia da FSP que compõe o *Corpus 1*, foi publicada no dia 2 de agosto de 1998, no caderno *Cotidiano*, quatro dias antes da prisão de Francisco de Assis Pereira, o “maníaco do parque”. É assinada pelas jornalistas Adriana Vieira e Gabriela Michelotti. Está referida ao primeiro momento de abordagem dos fatos relativos aos crimes do parque do Estado, em que se procurava estabelecer a relação entre o reconhecimento das vítimas e a identificação do assassino. Todavia, no momento em que a matéria foi publicada a polícia - e por conseguinte a imprensa - já tinha indícios concretos de que Pereira possivelmente era autor dos crimes

---

<sup>3</sup> Relações de gênero é um conceito desenvolvido pelas teóricas feministas anglo-saxãs para investigação das configurações assumidas pelas relações não apenas entre os sexos, mas também intra-mulheres e intra-homens nas diferentes culturas, e respectivas organizações sociais em diferentes contextos históricos. É sabido que tais relações entre os gêneros se configuram estruturalmente como relações de poder e dominação dos homens sobre as mulheres.

conjugados, e estava a sua procura.<sup>4</sup> Portanto, a notícia selecionada está muito mais relacionada ao segundo momento da abordagem que ao primeiro, especialmente porque emprega na construção da notícia informações e depoimentos colhidos junto aos familiares das vítimas assassinadas.

A notícia do NP que compõe o *Corpus 2*, foi publicada em 14 de agosto de 1998 (p. 5), oito dias após a prisão de Pereira, é assinada pela jornalista Marina Weber. Diz respeito ao segundo momento de abordagem da imprensa escrita e explora os motivos que teriam levado Pereira a cometer os crimes, mediante entrevista com a psiquiatra Bernadete Aparecida Brito.

### ***Corpus 1: Folha de S. Paulo***

*Título: Sonho de ser modelo expõe garotas à violência*

*Para além da violência desmesurada, o caso chama atenção pelo modo como o assassino atraía suas vítimas: tocando-lhes a vaidade. Entre elogios, ele prometia concretizar o sonho de ser modelo, mania nacional hoje entre milhares de adolescentes.*

*Seduzidas, as garotas esqueciam as regras básicas de segurança de quem vive em uma cidade violenta como São Paulo: não sair com estranhos, não pegar carona ou ir a locais desertos.*

O enunciador concretiza o objetivo da notícia, explícito no título da matéria: explicar aos leitores qual o motivo que teria levado as vítimas ao parque do Estado.

A “violência desmensurada” contra as mulheres é mencionada, mas não faz parte dos objetivos das jornalistas abordá-la. Há apenas o registro, na notícia, de que houve violência contra as mulheres, *mas*, “[...] o caso chama atenção pelo modo como o assassino atraía suas vítimas: tocando-lhes a vaidade.”

“Para além da violência desmensurada” dá ao leitor a idéia de um aprofundamento. A noção de que a notícia irá além de uma abordagem superficial, limitada em discutir apenas a “violência desmensurada” contra as mulheres. Ir além significa, aqui, abordar o motivo que teria levado as mulheres ao parque.

---

<sup>4</sup> Entre os dias 12 e 16 de julho de 1998, os jornais já divulgavam o retrato-falado do “maníaco do parque”.

“[...] o caso chama atenção pelo modo como o assassino atraía suas vítimas: tocando-lhes a vaidade.” Mais uma vez, a abordagem reforça a noção de que os fatos relativos a esses crimes não podem ser tratados da mesma maneira que as outras formas de violência de gênero. Trata-se de um “caso” específico em que o agressor é “maníaco” – doente mental. E as vítimas? Elas foram atraídas pelo assassino porque eram vaidosas. Assim, o homem que cometeu os crimes o fez porque é um doente mental <sup>5</sup>. As mulheres, de sua parte, cometeram um dos **pecados capitais**: a vaidade. <sup>6</sup>

“Entre elogios, ele prometia concretizar o sonho de ser modelo, mania nacional hoje, entre milhares de adolescentes”. Lipovetsky (2000, p.112) aponta que a tradição judaico-cristã sempre foi implacável contra os atrativos das mulheres: “sua astúcia, sua vaidade, sua coqueteria”. Só Virgem Maria é poupada e possui a inocuidade da beleza. Contudo, enaltecer a Virgem “não significava querer prestar homenagem ao gênero feminino, que continuou sendo a raiz do mal, a “arma do Diabo”.

Essa contraposição entre as mulheres reais e o ideal de mulher, a Virgem Maria, ainda encontra-se presente no imaginário social brasileiro, sobretudo, em virtude da hegemonia dos preceitos da religião católica. É possível que a crítica ao “sonho de ser modelo”, dirigida às jovens vítimas e generalizada a milhares de adolescentes brasileiras - “mania nacional” – possua essa matriz discursiva. Ser “modelo” no discurso da FSP, e ser coquete no discurso religioso, conforme aponta Lipovetsky, se equivalem, uma vez que a evidência está no desejo/prazer da mulher de ser admirada/desejada, especialmente pelos homens.

Penso que a imagem construída das vítimas como jovens vaidosas possui uma certa ambigüidade. A vaidade feminina está relacionada ao (re)conhecimento de sua beleza, e a possibilidade de manipular essa beleza como um subterfúgio – um pequeno poder - numa sociedade desigual para homens e mulheres. Essa noção encontra correspondência na Bíblia, em que a beleza de heroínas como Sara, Salomé e Judite “tem cumplicidade com o arдил, a mentira e a astúcia: poder enganador, ela deve despertar menos a admiração que a desconfiança” (Lipovetsky, 2000, p.112).

---

<sup>5</sup> No segmento anterior as jornalistas afirmam: "Oito jovens mortas e pelo menos mais nove vítimas molestadas. O noticiário policial das últimas quatro semanas traz o saldo provocado por um dos mais violentos maníacos que São Paulo já viu, o do parque do Estado".

<sup>6</sup> Referência aos sete pecados capitais instituídos pela Igreja Católica no século XII: gula, preguiça, inveja, ira, luxúria/vaidade, avareza e soberba.

Contudo, a vaidade das jovens vítimas foi manipulada pelo assassino. Foi a maneira utilizada por ele para **atrai-las** ao parque do Estado. De sedutoras as jovens passaram a ser seduzidas – pelos supostos elogios e pela suposta promessa de concretização do sonho de ser modelo -, o que revela também uma ambivalência no antiethos do “maníaco”: a racionalidade a serviço da satisfação do desejo qualificado como irracional, mediante o termo “violência desmesurada”. Assim, a vaidade possui também um outro sentido, o de ingenuidade, que se acentua no enunciado seguinte: “Seduzidas, as garotas esqueciam as regras básicas de segurança de quem vive em uma cidade violenta como São Paulo: não sair com estranhos, não pegar carona, ou ir a locais desertos.”

A socialização feminina de prevenção e suspeita contra estranhos (Saffioti 1995, p.14) é, no discurso da FSP, estendida a “quem vive em uma cidade violenta como São Paulo.”

Possivelmente as autoras pretendem, nesse enunciado, advertir aos leitores que todos os que vivem “em uma cidade violenta como São Paulo” estão sujeitos à violência caso não sigam as regras básicas - não sair com estranhos, não pegar carona, ou ir a locais desertos – que anteriormente se restringiam apenas as mulheres. Ocorre, contudo, que o “maníaco violento” atacou apenas as mulheres, o que invalida a pretensa generalização, que oculta o fato de que se trata da violência de gênero, praticada especificamente contra mulheres, diferente das demais formas que configuram a violência urbana nos grandes centros, embora também faça parte dela.

Há, portanto, nesse enunciado, a noção de que o “feitiço se volta contra a feiticeira”, e a ambigüidade que até então marcava a palavra vaidade, recai sobre o sentido de ingenuidade, semelhante à construção da imagem de Chapeuzinho Vermelho na versão de Charles Perrault:

*Ao atravessar a floresta, ela encontrou o Sr. Lobo, que ficou louco de vontade de comê-la; mas não ousou fazer isso, porém, por causa da presença de alguns lenhadores na floresta. Perguntou a ela aonde ia, e a pobre menina, que ignorava ser perigoso parar para falar com um lobo, respondeu: “Vou a casa da minha avó para levar-lhe um bolo e um potezinho de manteiga que mamãe mandou”. “Ela mora muito longe?” quis saber o Lobo. “Mora sim!”, falou Chapeuzinho Vermelho. “Mora depois daquele moinho que se avista lá de longe, muito longe, na primeira casa da aldeia”. “Muito bem”, disse o Lobo, “eu*



*também vou visitá-la. Eu sigo por este caminho aqui, e você por aquele lá. Vamos ver quem chega primeiro” (Perrault, 1989, p.51-52).*

No que diz respeito ao “sonho de ser modelo” como uma “mania nacional”, não há neste segmento qualquer referência ou crítica a esse ideal estético contemporâneo para mulheres, especialmente as mais jovens, extremamente difundido em revistas dirigidas para adolescentes, disciplinando e normatizando o corpo feminino: dieta, ginástica, maquiagem, vestuário, cirurgia plástica, etc. A responsabilidade sobre a construção ideológica da feminidade nesses moldes recai sobre as adolescentes, como se fosse simples recusar o desfile de imagens visuais padronizadas promovido pelos meios de comunicação social: que roupa, configuração de corpo, expressão facial, movimentos e comportamentos são exigidos para uma representação exterior adequada do ser (Bordo, 1997, 24).

Esse segmento revela claramente qual a interpretação do jornal oferecida aos leitores em relação aos crimes ocorridos no parque do Estado. O indivíduo agressor é um “maníaco”, um doente mental. É o comportamento das mulheres, vítimas de violência, que está novamente em questão: porque eram vaidosas, foram seduzidas pela forma de abordagem do assassino, desconsiderando as “regras básicas” que se adequam perfeitamente a uma determinada organização social do gênero, em que a violência contra mulheres se inscreve nas normas sociais.

### ***Corpus 2: Notícias Populares***

**Manchete:** *Motoboy escolhia minas gorduchinhas – corpo de garota foi identificado ontem. É a quinta vítima reconhecida pelo maníaco”*

**Título:** *Maníaco escolhia minas gordinhas para devorá-las: é a opinião da psiquiatra que ouviu depoimento*

O periódico *Notícias Populares* procurando adequar sua linguagem à imagem que constrói de seus leitores, utiliza intencionalmente estratégias da oralidade, da qual fazem parte as gírias urbanas. O objetivo de tal estratégia discursiva é, possivelmente, tornar a leitura do periódico uma continuação da própria conversação do dia-a-dia (Dias, 1996).



No dia 14 de agosto de 1998 (p. 5), o jornal *Notícias Populares* apresentou matéria assinada pela jornalista Marina Weber sobre o caso "maníaco do parque", com o seguinte título, reproduzido também na manchete da página 1.

Título: *Maníaco escolhia minas gordinhas para devorá-las. É a opinião da psiquiatra que ouviu depoimento.*

Na seqüência, a matéria continua:

*O motoboy Francisco de Assis Pereira, 30, preferia as mais gordinhas. Quando escolhia vítimas pra levar ao Parque do Estado, Chico buscava moças que tinham carne em abundância.*

Nesse caso, o traço de oralidade é bem marcado na manchete, no título e no corpo da matéria, utilizando, em vez do substantivo garotas, para designar as mulheres jovens, o NP lança mão da gíria “mina”, procurando aproximar sua linguagem da língua falada por seus leitores cotidianamente. Considerando esta, além de outras gírias empregadas frequentemente pelo jornal, suponho que o NP procura ainda atingir um público-leitor jovem, do sexo masculino, também pertencente às classes populares.

Outro traço marcante nesse título é a tendência pronunciada para o exagero, bem como a malícia, em que os referentes são ambíguos - admitindo duas ou mais leituras -, e associados aos atos sexuais: “Maníaco escolhia minas gordinhas para *devorá-las*”.

De maneira geral, a imprensa escrita lança mão de dois recursos para identificar Francisco de Assis Pereira: quando o objetivo é qualificá-lo, os profissionais da imprensa recorrem a sua atividade profissional, “motoboy”. Quando o objetivo é desqualificá-lo, a imprensa incorpora ao seu discurso o termo “maníaco”<sup>7</sup>, cuja matriz discursiva é de origem médica, e o emprega como um adjetivo, relativo à possível doença mental de Pereira. Tal adjetivo, por sua vez, possui uma carga negativa, ligada ao preconceito social histórico contra o doente mental: causa medo, parece incontrolável, e deve ser banido do convívio social. Esta carga negativa, outrossim, está ligada às próprias conseqüências dos atos de Francisco de Assis Pereira - o assassinato brutal, em série, de 10 mulheres.

---

<sup>7</sup> Maníaco: (adj.) que, ou aquele que tem mania ou manias. Mania: (med.) Doença mental caracterizada por um estado de excitação, que pode alternar com um estado de melancolia, constituindo a psicose maníaco-depressiva; (fig.) excentricidade, esquisitice, gosto exagerado por alguma coisa; mau costume. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S. A., 1983, p. 770.

O título da matéria identifica Francisco de Assis Pereira como um “doente mental”, e em seguida, justifica, mediante a suposta doença, sua “escolha” ou “preferência” pelas “minas gordinhas”. Esclarece ainda, no mesmo enunciado, o motivo de tal escolha/preferência: “devorá-las”. Em outras palavras, porque é “maníaco”, escolhia “minas gordinhas”, e pelo mesmo motivo, queria devorá-las.

A construção do título da matéria e, no plano discursivo, o modo como estão representadas as mulheres, reproduz implicitamente a noção ainda presente no imaginário social de que: 1) as mulheres são passivas, e portanto, “escolhidas” pelo homem, que neste caso é um assassino em série; e 2) as mulheres não são sujeitos sexuais, são objetos do desejo masculino, e neste caso, identificáveis apenas por seus atributos físicos.

Cabe ainda discutir de que maneira funciona o adjetivo “gordinhas”; (des)qualificando o substantivo “minas”, numa “cultura que despreza e suprime a fome feminina, torna as mulheres envergonhadas de seus apetites e suas necessidades e exige delas um trabalho constante de transformação de seus corpos” (Bordo, 1997, p.28). A vontade de ser “bela” e socialmente aceita, e o autocontrole, devem triunfar sobre as necessidades e a fome.

O ideal estético contemporâneo para mulheres, veiculado diariamente por meio de imagens nos jornais, nas revistas femininas, no horário nobre da televisão, e nos livros de dieta e controle de peso, exige a disciplina de aperfeiçoamento do corpo como um objeto, lugar *prático* direto de controle social, segundo Foucault e Bourdieu.

O adjetivo “gorda” no diminutivo indica possivelmente que as mulheres as quais a jornalista se refere não eram necessariamente obesas. Possivelmente há a intenção de atenuar a carga social negativa que o adjetivo “gorda” carrega numa configuração histórica que despreza o corpo feminino curvilíneo e exalta a esbeltez para as mulheres. Outra possibilidade interpretativa é de que “minas gordinhas” procurava identificar essas mulheres como não-magras, mas que apesar disso, eram bonitas.

Entretanto, seja qual for a intenção da jornalista, a expressão “minas gordinhas” assume um tom pejorativo. O adjetivo no diminutivo - “gordinhas” -, pode levar o leitor a pensar que os corpos femininos em questão não correspondem à norma estética estabelecida. Nesse sentido, a escolha ou preferência do assassino/doente mental está relacionada a uma imagem negativa de mulher, isto é, uma imagem que não corresponde ao que é socialmente valorizado.



No enunciado seguinte – “É a opinião da psiquiatra que ouviu o depoimento” - observa-se uma estratégia discursiva importante - o uso do argumento de autoridade - que traz a uma opinião médico-psiquiátrica, que, ao mesmo tempo, dá credibilidade, sustentação a sua afirmação, e isenta o periódico da responsabilidade sobre a manchete sensacionalista.

“O motoboy Francisco de Assis Pereira, 30, preferia as mais gordinhas. Quando escolhia vítimas pra levar ao parque do Estado, Chico buscava moças que tinham carne em abundância.”

Nesse segmento, a profissão “motoboy” e a idade identificam Pereira de forma neutra ou até positiva, revelando ao leitor previsto do NP que o assassino, apesar de “maníaco”, era um “trabalhador” que, enquanto tal, pertencia as camadas populares.

De outro lado, o substantivo *mulheres* está implícito no texto, pois elas somente são identificáveis pelo adjetivo “gordinhas”. O sujeito de quem se fala (ELE) é o assassino-homem, aquele que tem nome, idade, profissão e empreende a ação [mesmo que dolosa], enquanto as mulheres, vítimas da violência, não são sequer mencionadas. São identificáveis nesse enunciado unicamente por seus atributos físicos: “as [mulheres] mais gordinhas”.

No segundo enunciado, “Quando escolhia vítimas pra levar ao Parque do Estado, Chico buscava moças que tinham carne em abundância”, as mulheres são qualificadas enquanto “vítimas” e “moças”. A condição de “vítima” antecede a de “moça”, da mesma forma que a circunstância da escolha antecede a da busca: ele sabia, *a priori* o que procurava - “carne em abundância”.

Por terem sido “escolhidas”, antes de serem moças - entre dezoito e vinte e quatro anos -, são essencialmente vítimas. Não se admite sequer a possibilidade de que as mulheres tomaram a decisão de ir ao parque do Estado acompanhadas de Pereira. Era ele quem as “escolhia” e “levava” para o parque.

A utilização do apelido “Chico” admite duas possibilidades interpretativas: 1) referir-se a alguém pelo apelido indica intimidade, proximidade, conhecimento, ou simplesmente informalidade próprios da oralidade, o que está de acordo com a linha do jornal. Porém é possível também interpretar o uso do apelido como uma estratégia de aproximação do leitor em relação ao sujeito (ELE)- o Chico.

Também nesse enunciado, é retomada a referência depreciativa feita às mulheres no título da matéria - “minas gordinhas”, porém de forma muito mais rude e torpe: “moças que

tinham carne em abundância”.<sup>8</sup> Possivelmente é estabelecida uma relação de cumplicidade com o destinatário/leitor, compartilhando com ele o preconceito contra a obesidade, mas sobretudo, a “coisificação” das mulheres, descritas de maneira grotesca.

Essa associação das moças com carne e a indicação, já no título da matéria de que o objetivo de Chico era devorá-las, aproxima Pereira de um personagem dos contos populares, muito familiar, tão voraz quanto ele: o Lobo Mau. A versão dos irmãos Grimm desse conto revela como a racionalidade pode estar a serviço da satisfação de um desejo/instinto: “Esta coisinha nova e tenra, ela é um bom bocado que será ainda mais saboroso que a velha. Tenho de ser muito esperto e apanhar as duas” (Grimm, 1989, p.144).

A ênfase, nessa narrativa, recai muito mais sobre a gula do lobo do que sobre seu apetite sexual voraz. Todavia, o sentido, tanto na narrativa, quanto na matéria jornalística, permanece ambíguo, revelando a marca do antiethos do lobo, semelhante a do “maníaco”: a ambivalência.

### **Análise Comparativa - Conclusão**

O jornal é um espaço polifônico. Nele diferentes vozes se manifestam, diferentes imagens femininas e masculinas são erigidas, incluindo-se as novas matrizes de gênero forjadas nas sociedades contemporâneas, mas sobre o mesmo pano de fundo: a estrutura de dominação masculina. Esse pano de fundo se manifesta mais claramente, com mais força e intensidade, quando recortamos somente as notícias sobre violência contra mulheres, em especial a violência sexual.

As imagens constituídas nas matérias jornalísticas da *Folha de S. Paulo* e do *Notícias Populares* a respeito de crimes sexuais, em sua maioria conjugados, instituídas no jogo entre passado e presente, revelam em última instância, que o aquilo que aparentemente permanece eterno na história, nada mais é do que um trabalho de eternização que compete a instituições interligadas como a família, a igreja, a escola, e também ao Jornalismo.

---

<sup>8</sup> O que chamei de forma rude e torpe poderia ser também qualificado, talvez mais adequadamente, como cruel. A imagem que me veio à mente ao ler, inúmeras vezes, este parágrafo foi a mesma: a câmara fria de um frigorífico, e ali, pendurados por ganchos, grandes peças de carne.

Relativamente à construção da imagem das vítimas, há um prolongamento mal confessado da desconfiança, ou suspeita, que recai sobre as mulheres que sofrem violência. Quanto à imagem do agressor, existe um deslocamento na abordagem, ligado às transformações ocorridas nas relações entre os gêneros, que pudemos identificar nas notícias jornalísticas relativas aos homicídios de mulheres adultas, especialmente no jornal *Notícias Populares*, mediante às explicações/justificativas oferecidas para a violência: uso de drogas, alcoolismo, doença mental, sofrimento psíquico, crime contra a honra (ciúme).

Na *Folha de S. Paulo*, a noção de consentimento da vítima pode ser observada especialmente na análise da notícia relativa aos crimes do parque do estado: “Sonho de ser modelo expõe garotas à violência”. Nessa notícia a relação estabelecida entre o assassino e as vítimas é de que o homem que cometeu os crimes o fez porque é um doente mental, e as mulheres, de sua parte, cometeram um dos pecados capitais: a vaidade. A ambigüidade na construção das imagem das vítimas, ora ingênuas, ora “coquetes” possibilita a interpretação do jornal de que elas se expuseram à violência do “maníaco”. O comportamento, os atos “desmesuradamente agressivos” do “maníaco” permanecem, no discurso, protegidos pela explicação de que ele é um doente mental.

O propósito de analisar as imagens nos permitiu, portanto, revelar de um lado, um(a) deslocamento/mudança na sensibilidade à violência de gênero e, de outro, os efeitos duradouros da dominação masculina exercida sobre mulheres e homens, mas especialmente sobre as primeiras.

É possível perceber, ao compararmos as notícias e o conto, que a naturalização da violência sexual masculina, expressa nas versões do conto *Chapeuzinho Vermelho* como sexualidade naturalmente agressiva e irremediável, sofreu uma mudança de percepção na configuração histórica atual, adquirindo um novo sentido nas notícias veiculadas pela mídia impressa, uma vez que a violência de gênero não mais é aceita socialmente, especialmente graças às lutas feministas.

Verifica-se, outrossim, a dificuldade, na configuração histórica atual, de reconhecimento dos mecanismos e do lugar efetivo de produção da violência contra as mulheres. Sua persistência passa a ser explicada e justificada como episódica, circunstancial, particularmente por meio da nova construção da imagem do agressor, como um desvalido –

usuário de drogas, doente mental, alcoólatra – na maioria das vezes pertencente às camadas populares, como o “motoboy”.

Foi possível observar mediante a análise que as temáticas presentes nas versões do conto *Chapeuzinho Vermelho*, bem como nas notícias sobre os crimes do “maníaco do parque”, ainda predominam nas demais notícias produzidas a respeito da violência sexual contra mulheres adultas:

1. a violência contra as mulheres encontra-se fora de casa;
2. o agressor é sempre um desconhecido;
3. a mulher é incapaz de reconhecer o perigo.

Os crimes do parque do Estado, cometidos por Francisco de Assis Pereira, configuram-se como um parâmetro da violência, por se tratarem de “crimes cruentos” facilmente reconhecidos pelos os cidadãos e cidadãs comuns, exatamente por ser excessivo. Esse é um dois motivos pelo qual é veiculado. Assim como a história de *Chapeuzinho Vermelho*, eles são familiares tanto para ao produtor da notícia quanto para aos leitores. Nesse sentido, foi possível também verificar a dificuldade de reconhecimento da violência sexual como crime contra a pessoa, - no caso, a mulher - especialmente quando ele não vem acompanhada de outras formas de violência conjugada (spancamentos, sevícias, homicídio). Seja no espaço público, seja no espaço privado há dificuldade no reconhecimento dos limites para o comportamento sexual masculino, especialmente considerando a noção de virilidade, masculinidade construída socialmente por meio da violência simbólica baseada em relações de dominação.

Cabe ainda abordar a estratégia discursiva utilizada pelos jornais selecionados, para abordar os crimes ocorridos no parque do Estado. A *Folha de S. Paulo*, de maneira geral, tratou os fatos como bizarros, e, diferentemente do NP, como se não fizessem parte do que consideramos violência contra as mulheres. O fato de que os crimes conjugados foram cometidos em série, por um “maníaco”, foi o tom adotado pelos produtores das notícias, transformando crimes num acontecimento esporádico, quase irreal.

O jornal *Notícias Populares* abordou os acontecimentos de forma, ao mesmo tempo, chocante e jocosa, procurando desqualificar a noção de crime. Assim como constrói as demais notícias, concentrou-se mais nas circunstâncias, nas especificidades relativas à vida dos



envolvidos, na localização, horário, etc. Dessa maneira, atenuou o impacto da exposição chocante dos fatos, especialmente mediante as imagens (fotos), tornando a violência também irreal, por ser banalizada.

A maioria dos estupros de mulheres adultas noticiados pelo *Notícias Populares* após os crimes do parque do Estado, estão referidos ao espaço da rua. As matérias jornalísticas destacam a violência perpetrada contra mulheres por desconhecidos, e estabelecem a relação entre o caso do *maníaco do parque* e os estupros que ocorreram posteriormente, utilizando-se sempre do mesmo referente: *maníaco*.

Deste modo, o *Notícias Populares* ritualiza a violência sexual como um “crime cruento” que acontece nas ruas, e é cometido por doentes mentais, desvalidos e miseráveis. A referência explícita ao caso do *maníaco do parque* nessas notícias autoriza minha interpretação de que os acontecimentos só fazem sentido como notícia se fizerem circular imagens conhecidas, familiares tanto ao produtor da notícia quanto aos leitores. Semelhante ao que ocorreu nos séculos XVIII e XIX, a imagem do *maníaco* repele para as margens da sociedade a figura do criminoso sexual. Primeiro o *andarilho*, o homem de beira de estrada, depois do *indigente*, e atualmente o “maníaco sexual” homem de ameaças difusas, cuja sexualidade agressiva, animalesca, *não é natural*, mas decorrência de sua doença mental.

Deste modo, a naturalização da violência sexual, conjugada ou não, ocorre de maneira diferente nas páginas dos jornais *Folha de S. Paulo* e *Notícias Populares*.

Na *Folha de S. Paulo* a naturalização ocorre porque ao mesmo tempo que tal violência é objeto de notícia, ela é ocultada (mascarada) pelo/no discurso jornalístico. O jornal, pressupõe que o leitor (a) sabe que a violência de gênero, incluindo-se a violência sexual existe e é recorrente nas sociedades contemporâneas. Uma relação distanciada é com ela mantida: pressupõe-se que existe.

São recorrentes as notícias relativas às pesquisas científicas sobre o tema, e às atividades desenvolvidas por ONGs no combate à violência. Entretanto, quando se trata de fatos ocorridos, suas marcas são cuidadosamente apagadas no/pelo discurso, mediante a orientação do Manual de Redação, que defende a escolha de palavras e a substituição de termos “inadequados” por termos que a Folha considera *politicamente corretos*. Nas matérias jornalísticas que versam sobre fatos relativos à violência sexual, estupro, geralmente são empregados, no corpo da matéria, termos que eufemizam, atenuam a idéia molesta, como



*relações sexuais*. Tal procedimento asséptico compromete o direito à informação do leitor(a)/cidadão(ã), visto que altera radicalmente o sentido, e distorce os fatos. Assim, a *Folha de S. Paulo*, no que concerne a violência sexual contra as mulheres, substitui uma abordagem ética dos fatos, por boas maneiras.

No jornal *Notícias Populares* há uma abordagem *sensu comum* da violência como um mecanismo social, resultante do desequilíbrio entre fortes e fracos, cuja ação, dispensa intermediários: uma relação direta entre meios e fins não mediatizada nem pela moralidade nem pelas leis, porque supostamente elas não existem quando se trata dos pobres. A violência no jornal *Notícias Populares*, ainda que tratada como episódica, superficial, é naturalizada mediante a sua ritualização e sua banalização.

Atribuindo às classes populares o gosto pela violência, ao *Notícias Populares* compete a tarefa de satisfazê-las. Considerando que seus leitores desejam encontrar em suas páginas violência sexo e sangue, a recorrência com que são veiculados termos obscenos, imagens de crimes violentos e sexo, contribuem para banalizá-la e torná-la integrada ao cotidiano dos leitores, corroborando com a correspondência entre as estruturas subjetivas e objetivas – mecanismo da violência simbólica.

Ao tratar da violência de gênero, e mais especificamente da violência sexual contra as mulheres, o jornal *Notícias Populares* ritualiza o “crime cruento”, transcendendo ao real e banalizando a violência. O toque de humor às *fatalidades do cotidiano* faz com que o leitor tenha contato com uma violência filtrada pela comicidade, violando princípios éticos que asseguram não só o direito à imagem, bem como o respeito ao ser humano e ao seu sofrimento, seja ele o agressor, a vítima ou o leitor.

A abordagem episódica dispensada à violência de gênero e, mais especificamente à violência sexual, pela *Folha de S. Paulo* e pelo *Notícias Populares*, seja mascarando, seja exacerbando a violência, impõe aos leitores um conhecimento fragmentado, ilusório, ficcional dessa realidade. Impõe o (re)conhecimento parcial do fenômeno da violência, que impede a percepção do lugar efetivo de sua produção, a saber, a organização social do gênero na configuração histórica atual, aliada à estrutura social brasileira, historicamente autoritária, hierárquica e violenta.



Não percebida como violenta, a organização social do gênero ainda baseada em relações de dominação dos homens sobre as mulheres permanece inalterada. Os crimes praticados contra as mulheres são tratados como circunstanciais, em virtude das explicações/justificativas oferecidas, também violentas, mas numa outra ordem: simbolicamente violentas.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORDO, Susan R. *O corpo e a reprodução da feminidade: uma apropriação feminista de Foucault*. In: JAGGAR, Alison M., BORDO, Susan R. [editoras]. *Gênero, corpo, conhecimento*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997, p. 19-41.

BOURDIEU, Pierre. *Conferência do Prêmio Goffman: a dominação masculina revisitada*. In: LINS, Daniel (org.). *A dominação masculina revisitada*. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1998, p. 11-27.

\_\_\_\_\_. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999, 158 p.

CARMO, Sônia Irene Silva do. *A construção da pátria: o discurso eleitoral pela TV na campanha de 1989*. São Paulo, 1996, 437 p. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

CHARAUDEAU, Patrick. *Langage et discours. Éléments de sémiolinguistique*. Paris: Hachette, 1983. 175 p.

FOLHA DE S. PAULO, *Cotidiano, Nacional* (Revista), 2 ago. 1998, p. 3-4

GRIMM, Jakob. *Os contos de Grimm*. São Paulo: Paulinas, 1989. 287p.

LYPOVETSKY, Gilles. *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, 339 p.

NOVO MANUAL DE REDAÇÃO. São Paulo: *Folha S. Paulo*, 1992.

PERRAULT, Charles. *Chapeuzinho Vermelho*. Porto Alegre: Karup, 1994. (Coleção Era uma vez, 3). 32p.

SAFFIOTI, Heleieth I. B., ALMEIDA, Suely S. de. *Violência de gênero: poder e impotência*. Rio de Janeiro: Revinter, 1995, 218 p.

WEBER, Marina. *Maníaco escolhia minas gordinhas para devorá-las. É a opinião da psiquiatra que ouviu depoimento*. Notícias Populares, São Paulo, 14 ago. 1998, Geral, p. 5.